

CULTURA DE MASSA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE NO JORNALISMO INVESTIGATIVO

Aluno: Marcelo Alves
Orientador: Leonel Aguiar

Introdução

A referida pesquisa tem como objetivo estudar e analisar o processo de construção das notícias investigativas publicadas nos principais jornais do Rio de Janeiro: O Globo, Extra, O Dia e Jornal do Brasil. Visa obter, sistematicamente, os dados fundamentais sobre as rotinas produtivas que operam na indústria jornalística e no processo de produção da notícia, com ênfase no grau de relevância entre os acontecimentos, o que define a noticiabilidade (newsworthiness); isto é, o modo pelo qual é construída sua aptidão para ser transformado em notícia. Entre os valores-notícia mais citados durante a pesquisa, estão o de maior interesse público, principalmente os de alto impacto social.

Dessa forma, o presente relatório de pesquisa tem como principal tarefa analisar os critérios que regem o jornalismo investigativo. Partimos da idéia de que os meios de comunicação são os principais produtores de sentidos, ou pelo menos um dos que tem mais apelos sociais.

Segundo Lage (2004), apesar de reportagem pressupor apuração e investigação, a denominação “jornalismo investigativo” se tornou constante na bibliografia sobre o assunto. De uma maneira sintética, é possível entender o jornalismo investigativo como uma forma de reportagem extensa que exige longo tempo de trabalho na apuração das informações por parte dos repórteres.

A pesquisa tem como base os jornais impressos. Com isso, nesse momento, decidimos nos deter no jornal O Globo. Essa escolha deve-se ao fato de esta instituição possuir estrutura de contato, e produção de notícias capazes de dar espaço a um pesquisador. Além do fato de que esta instituição dispor de grande número de jornalistas vitoriosos com o prêmio principal de reportagem do maior prêmio de jornalismo do Brasil, o Esso.

Vimos que nessa editoria, o jornalismo investigativo não se detém ao político. Temos como um dos exemplos, a investigação sobre laudos de exames de urina, tráfico presentes nos quartéis ou a reconstrução da guerrilha no Araguaia. O foco desse gênero jornalístico é a apuração e pesquisa dos desvios de conduta dos atores sociais que despertam grande interesse público. Dessa forma, vimos que o trabalho dos repórteres investigativos está em várias editorias do jornal. Pode estar em editoria de política, esportes e de economia, local ou internacional.

As divisões da pesquisa

A teoria

Nos primeiros três meses da pesquisa procuramos dar conta das bases teóricas. Para isso, o orientador da pesquisa Leonel Aguiar sugeriu que assistisse às aulas ministradas por ele e o professor da Universidade Federal Fluminense, Felipe Pena, no mestrado da própria Pontifícia Universidade Católica. Nessa fase da pesquisa era importante a apreensão das teorias da comunicação porque elas seriam de grande importância para o desenvolvimento da pesquisa. A teoria serve para que se possa reconhecer nas matérias investigativas publicadas nos jornais e que foram contempladas com o Prêmio Esso.

Para ter conhecimento da base teórica da pesquisa foram feitos fichamentos dos textos que eram trabalhados em sala de aula, assim como, a elaboração de seminários a partir dos textos propostos pelos professores. Foram fichados os seguintes textos:

- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.**

Desse texto temos a idéia de como que as velhas identidades estão em declínio. A partir desse fato, surgem novos sujeitos modernos, e com eles, novos tipos identitários que ampliam os questionamentos sociais por incluírem novos elementos na cena contemporânea como gênero, sexualidade, raça e nacionalidade.

São esses elementos que de uma forma ou outra aparecem nos meios de comunicação. Ajudam a construir o imaginário social onde as construções da realidade, base da teoria do newsmaking, se amparam, tornando o jornal capaz de despertar o no público leitor interesse por um determinado assunto porque ele acaba se identificando com um desses grupos relatado pelo autor.

- KOVACH, Bill; RESENTETIEL, Tom. A verdade: o primeiro e mais confuso princípio. In: **Os elementos do Jornalismo.** O que os jornalistas devem saber e o público exigir.

Nesse texto os autores defendem a verdade como a principal meta que os jornalistas devem ter em mente. Para isso eles realizaram pesquisa junto a jornalistas acadêmicos e atuantes em diversos jornais americanos. A verdade deve ser encarada com seriedade pelo fato que as pessoas se utilizam dela para estabelecerem contato com o mundo além do seu.

Eles descrevem como o jornalismo, ao longo do tempo, foi se aperfeiçoando. E de que forma ele deixou para trás o chamado jornalismo “marrom”, aquele em que o primeiro grande público tem como base o crime, o escândalo, as emoções fortes e o endeusamento das celebridades, típicos do desacorretamento do jornalismo político do século XIX.

A verdade e o jornalismo podem ou não estar em contato. A pesquisa mostrou que verdade e notícia não são a mesma coisa. Esse fato levanta o questionamento sobre a objetividade e a subjetividade presentes no jornalismo. E com isso a discute-se também a relação academia- redação para o desenvolvimento profissional.

- WHITE, David Manning. O gatekeeper: Uma análise de caso na seleção de notícias. In TRAQUINA, N. (org.). **O poder do Jornalismo:** análise e textos da teoria do agendamento. p.142 – 151.

White contribuiu para nossa formação teórica por discutir a relação existente entre os produtores de notícias, como são estabelecidos os critérios hierárquicos para que uma pauta se torne possível. Ele nos mostra que os processos de construção das notícias são norteados por escolhas. Cada um dos que participa desse processo abre ou fecha portas, restringe ou não a ida a campo, a investigação sobre o assunto.

O autor em sua pesquisa esteve mais preocupado com aquilo que não foi impresso. Sua investigação se dá no sentido de descobrir o porquê da publicação de uma determinada matéria e não de outra, o motivo que levou o chamado gatekeeper, a escolher um fato em detrimento do outro. Esse movimento está de acordo com aquilo que muitos teóricos irão chamar de valor notícia.

O autor vai estabelecer, como outros, um elo entre os a construção da noticia e seu grau de subjetividade. Esta, para ele, depende dos valores subjetivos, do juízo de valores e baseados na experiência e na expectativa do Mr. Gate.

- ZELIZER, Barbie. Taking Journalism Seriously. Apud PENA, Felipe. **Sistematizações das teorias do jornalismo em abordagens européias, brasileiras e americanas.**

Para a autora, o estudo de jornalismo divide-se em cinco categorias, sociológica, histórica, lingüística, política e cultural. Ele iniciou seu trabalho ao perceber que nos EUA poucos jornalistas falavam sobre a produção de notícias, essa ficava a cargo dos acadêmicos das áreas afins. Ela ao pesquisar sobre jornalismo se propõe a pensar uma forma de aproximar jornalistas e acadêmicos.

Para isso ela se aprofunda nas abordagens, divididas em categorias, para dar conta desse processo. Estabelece o tipo de abordagem de cada categoria. Sua proposta é que os jornalistas estejam ligados tanto às redações quanto às discussões acadêmicas.

- BREED, Waren. Controle social na redação. In TRAQUINA, N. (org.). **O poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento.** p.152-166.

Nesse texto, Breed (2000) descreve como se dá as relações existentes nas redações jornalísticas. Mostra que há, em uma redação jornalística, a tentativa de se impor, por parte do Publisher, que os subordinados sigam a sua orientação. O que impede o conflito entre as altas hierarquias é o fator ético. A orientação política é disfarçada devido à existência de normas éticas de jornalismo. Nada em um jornal pode ser imposto, deve ser sugerido.

Cada jornal tem uma política editorial admitida ou não. A política editorial é determinada pelos executivos, pela alta cúpula do jornal. Isso fica claro nas reuniões de pauta em que trata como será trabalhada a confiabilidade da informação, noticiabilidade, os possíveis ângulos e outras táticas jornalísticas.

Quando o jornalista experiente começa o seu trabalho, não lhe é dita qual a política editorial. Nem nunca lhe será. Os repórteres respondem que aprendem por osmose. A aprendizagem da política editorial é um processo através do qual o novato descobre e interioriza os direitos e as obrigações do seu estatuto, bem como as normas e valores.

- KUNCZIK, Michael. Problemas relacionados com o trabalho no jornalismo. In: **Conceitos de Jornalismo.** 2002.

Nesse texto o autor faz menção a outros autores para construir sua teoria. Ele defende a idéia de que existem diversas teorias que podem explicar a forma de como as organizações jornalísticas são. Para isso ele cria diversas teorias, como a dos Papéis, a da Identificação, da Generalização, Interação Simbólica e a do Intercambio. Além de salientar o controle social entre as equipes jornalísticas.

O autor mostra através desse texto que a chamada profissão livre não é uma verdade para o jornalismo. O que chamam de liberdade pode ser conseguida através da negociação com as hierarquias. Querendo ou não o jornalista deve respeitar se quiser manter-se dentro de uma redação respeitar as decisões de seus superiores. Não há liberdade plena, como a de um detetive.

A palavra chave para o autor é socializar. Através desta, ele defende que o novato deve se socializar, ou seja aprender as habilidades de apuração, pauta e outros modelos de orientação e sentimentos necessários para o funcionamento de uma editoria e construção diária de um jornal. Noutras palavras, o autor fala da apreensão de valores, normas, costumes e atitudes que prevalecem nos meios de comunicação e que são necessários para a pessoa se tornar um membro.

Ao defender seu ponto de vista, o autor relata que a socialização pode ser adquirida por duas vias, através do trabalho diário no qual os membros aprendem as habilidades necessárias ao exercício da profissão. Do ponto de vista do indivíduo, ou seja, do jornalista, é preciso aprender a participar da vida da organização.

- SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In TRAQUINA, N. (org.). **O poder do Jornalismo**: análise e textos da teoria do agendamento. p. 91-100.

Esse texto trás a tona a questão do profissionalismo dentro da profissão. O autor mostra como um jornalista pode ser encarado como profissional ou não. Para isso ele defende duas formas de atuação das hierarquias junto aos subordinados. São duas as maneiras de se conseguir êxito. O primeiro dá-se ao se estabelecer padrões e normas de comportamento e o outro ao determinar o sistema de recompensa profissional. Essa recompensa pode ser tida através da entrada do jornalista para as hierarquias.

Dentro do profissionalismo defendido por Soloski temos a apreensão das técnicas intrínsecas à produção jornalística, como a objetividade. Objetividade esta que não significa imparcialidade. Esse fato é importante para a profissionalização porque garante a instituição jornalística uma proteção perante aos público. Ele destaca que a fonte e não os jornalistas passam a ser responsáveis pela exatidão dos fatos.

O profissionalismo é responsável pelo amadurecimento do jornalista, que é interlocutor entre a redação e a sociedade. Através dos anos de profissão ele se torna capaz de perceber os valores notícias e o grau de noticiabilidade existentes em uma notícia. Para o autor, o jornalista deve contar histórias inusitadas, diferente daquilo que a sociedade está espera. Não se esquecendo que é o profissional jornalista o responsável pela produção de notícia, sendo intermediado pela organização jornalística.

- WOLF, Mauro. O newsmaking. In: _____. **Teorias da Comunicação**.

Segundo Wolf (2003: 186), todas as pesquisas de newsmaking têm, em comum, a técnica da observação participante, pois permite reunir e obter sistematicamente os dados fundamentais sobre as rotinas produtivas que operam na indústria jornalística e no processo de produção da notícia. O autor revela o processo como os meios de comunicação de massa constroem a representação da realidade social.

Para o autor, pela Teoria do Newsmaking, o jornalismo é uma forma de construção da realidade, nunca podendo ser o reflexo do real. A noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos para que possam adquirir a existência pública de notícia.

Os estudos de newsmaking pretendem analisar o conjunto de critérios que definem a noticiabilidade de cada acontecimento, isto é, a sua relevância para ser transformado em notícia. A noticiabilidade, por sua vez, é composta por um conjunto homogêneo e bem definido de valores-notícia.

Após essa fase, procuramos delimitar a pesquisa. A mesma passou a utilizar o Prêmio Esso como forma de recorte, ou seja, os textos que seriam utilizados em uma análise mais detalhada, tentando-se fazer um paralelo com a teoria já aprendida, sairiam dessa premiação. Isso se justifica porque o Prêmio Esso é um dos mais importantes prêmios do jornalismo brasileiro e é concedido pelos próprios jornalistas aos destaques do ano. Os jornais que pretendíamos analisar, O Globo, Extra, O Dia e JB possuem grandes números de ganhadores.

A Prática da Pesquisa

A primeira forma de darmos conta das reportagens investigativas agraciadas com o Prêmio Esso foi feita através do contato com o site da agência responsável pela premiação. Nesta página, estão listados, os premiados desde a primeira edição, realizada em 1956 até o ano de 2005, porém não constam as datas de publicação. Assim como as regras para se participar do concurso.

Em contato com os organizadores do prêmio, nos foi revelado alguns critérios utilizados para a escolha dos vencedores do Esso. O corpo de jurado é escolhido levando-se em conta a multiplicidade de representantes de cada região do Brasil. Estes devem ser jornalistas e estar ligado a uma editoria, seja impressa ou televisiva.

Após aceitar fazer parte do corpo de jurados, o jornalista se comprometeria não revelar em quem votou. Assim como quais foram atributos que o levaram a tal escolha. A idéia é não criar conflitos pessoais e conservar a aura do prêmio a mais elevada possível. Tudo é feito para que o Esso se mantenha como um prêmio concedido aos destaques da imprensa, durante o ano da premiação, pela própria comunidade jornalística.

O jurado escolhe um representante para cada categoria em questão. Entre as principais categorias, destaca-se: principal, as regionais, fotografia, reportagem e contribuição a imprensa. É sobre a primeira categoria que recai a maior parte dos olhares, primeiro por ser a mais disputada, a de maior premiação e a que dá maior visibilidade ao jornalista, quando o trabalho é executado por um único repórter, o que é raro, ou grupo de jornalistas, o que é mais comum e ao jornal onde o texto foi publicado.

Tendo em mãos os arquivos do sitio do Prêmio Esso a próxima tarefa foi criar uma tabela separando todos os premiados desde 1956. O modelo de segregação deu-se de modo a tornar mais tático e visível os prêmios de cada jornal pesquisado. Sendo assim, temos em uma tabela, separados por ano, e prêmio de cada instituição vencedora desde 1956. E outra só para o jornal O Globo de 1994 a 2004, contendo o título e os autores das reportagens premiadas. (Anexos 1 e 2)

Antes de partir para a busca dos referidos textos premiados com o Esso, foi feito um levantamento nas possibilidades de atendimento de cada jornal. A idéia inicial era poder ter todos os textos ganhadores do prêmio de cada um dos jornais-referência para a pesquisa, que são O Globo, O Dia, Extra e Jornal do Brasil. Já que sabemos que cada um deles possuem diferentes tipos de estruturas físicas e disponibilidades para atender a um pesquisador.

Só tínhamos em mãos, através do Sitio do Prêmio Esso, os jornais premiados, os jornalistas e o ano de publicação. Não tínhamos a data de publicação das matérias, o que só nos restava garimpar, um por um os jornais, para tomarmos conhecimento do conteúdo das matérias. Lembrando que o que desejávamos era a data de publicação dos textos, partimos para a análise de cada um deles.

O primeiro contato fora feito com o Jornal do Brasil. Este periódico possui um setor de pesquisa bastante ativo. Porém fomos informados que eles não detinham a data de publicação dos textos premiados pelo Esso e que não faziam pesquisa anual. Esse tipo de procura requer muito tempo e o jornal não se dispunha a fazê-la. A sugestão era que fizéssemos na Biblioteca Nacional.

Chegando a Biblioteca Nacional fomos informados que para se ter acesso a publicações do “JB” deveríamos pedir autorização ao próprio jornal. Depois de encontrado o texto, uma declaração de uso científico deveria ser assinada pelo pesquisador. Passado essa etapa a própria Biblioteca pediria ao jornal a autorização para a reprodução em CD ou outro meio informatizado. Somente esse poderia dar o aval ou não. Mediante a essa estrutura, nos dirigimos para a redação do jornal O Globo.

Para dar conta do processo de construção das reportagens investigativas publicadas no O Globo, fez-se necessário pesquisar sobre esse periódico na própria redação do jornal e junto ao setor de periódicos da Biblioteca Nacional.

O jornal O Globo tem um setor de pesquisa. Seu método é igual ao da referida biblioteca. Os jornais são microfilmados e colocados em um rolo, separados por data. Isso implica olharmos os jornais até encontrarmos as publicações que desejávamos. Essa tarefa é paga e cobrada por hora. É um serviço que gera rendimentos para o jornal. Deve ser marcado por telefone e pago através de um boleto bancário.

Essa fase da pesquisa foi bastante longa. A procura na Biblioteca Nacional é bastante criteriosa, cuidadosa e cheia de burocracias que visam fazer com que o usuário saia com o que procurava. Com isso, só se pode pesquisar um jornal de cada vez. Cada rolo contém quinze dias de publicações. Para cada mês temos dois rolos de jornal microfilmado.

Vale ressaltar que nem todos os jornais estavam microfilmados. Havia ainda os que estavam *in natura*. Estes deveriam ser pesquisados utilizando-se os métodos mais antigos, ou seja, o uso de máscaras, luva e as anotações feitas com lápis.

O fato de os jornais não estarem completamente microfilmado ou digitalizado, segundo a direção do setor de periódicos, deve-se a procura. Quanto mais procurado for um jornal, maior é o interesse da instituição em microfilmá-lo, para se evitar que o mesmo estrague pelo excesso de uso.

E assim fora feito. Começamos a procura pelos jornais mais antigos porque achávamos que seriam mais difíceis de serem encontrados. O intuito era ter em mãos os textos. As análises e entrevistas junto aos jornalistas partiriam das construções narrativas por eles impressas. Todos os textos garimpados foram digitalizados e guardados como fonte de pesquisa. Apenas o jornalista Luiz Ernesto disponibilizou as matérias, “*Homens de bens da Alerj*”, por ele construída em arquivo PDF, de forma a ajudar o desenvolvimento da pesquisa.

O primeiro arquivo a ser procurado é de 1994. O jornal O Globo foi premiado com o Esso principal com a reportagem sobre a amizade entre o famoso sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, o governador Nilo Batista e alguns contraventores do jogo do bicho. As reportagens publicadas mostram a relação entre a cúpula da política carioca, com personagens do terceiro setor e contraventores.

O texto traz em seu lide a informação de que Betinho teria pedido via Batista, que os mandachugas do jogo de bicho fizessem uma doação para a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS da qual Betinho era representante e a figura mais importante desta instituição segundo os meios midiáticos.

A reportagem de Agostinho Vieira, hoje editor chefe do jornal Extra, Elenilce Botari e Edgar Arruda foi iniciada por uma denúncia. A partir desta, foram feitas diversas investigações a fim de conseguir provas de que a denúncia era contundente. Em entrevista para a pesquisa Vieira afirma que esta reportagem encontra-se mais como uma reportagem de apuração do que de uma investigação segundo a denominação defendida por autores como Sodr e e Ferrari (1986), Kotscho (1996) e Lage (2004). Para esses autores, o jornalismo investigativo pode começar com denúncia, mas se consolida com uma pesquisa intensa.

Contudo, a grandiosidade da matéria reside no fato de que a matéria denunciava o envolvimento de políticos famosos como Cidinha Campos, Alberto Brizola e Vivaldo Barbosa com a cúpula do jogo-do-bicho. A reportagem apurou e descobriu mais do que pretendia, que muitos destes políticos, recebiam uma mesada de contraventores como Castor de Andrade que também tinha seu nome ligado ao tráfico de drogas. Procurado pelos jornalistas, para saber o porquê de o nome de sua instituição aparecer junto a caderneta do bicheiro Turcão, Betinho negou as acusações. A imagem pública do sociólogo, sempre ligada a obras humanitárias, sofreu alguns arranhões.

Reportagem de grande apelo público foi publicada pelo O Globo em 1998, com o título Teste do Guaraná. Com alto valor notícia, a matéria publicada pela equipe encabeçada pela jornalista Maria Elisa Alves denunciou fraudes nos resultados dos exames expedidos por diversos laboratórios do Rio de Janeiro. A reportagem foi iniciada com a apuração de outra. Através de uma reportagem sobre medicina, a jornalista foi provocada por um dos médicos entrevistados. Ele afirmara que alguns laboratórios não sabiam diferenciar urina de guaraná. Alves apostou na proposta.

Iniciou-se um grande movimento de investigação. Para dar credibilidade à reportagem, a jornalista chamou a deputada Tânia Rodrigues e o delegado Pedro Pulo Rodrigues da Delegacia de Crimes contra a saúde Pública para participarem dos testes junto aos laboratórios. Pegou-se, então guaraná e água e depois colocaram em potes de coleta de exames EAS. A água fora misturada para que o refrigerante se parecesse mais ainda com urina. A jornalista usou seu próprio nome nos laboratórios e colocou com a supervisão da deputada e do delegado em alguns dos maiores laboratórios do Rio de Janeiro, tais como Eliel Figueredo, JS, San Raphael, Nossa Senhora de Fátima e Richet.

Dias depois, chegou o resultado. Com exceção de dois laboratórios, que a jornalista suspeita ter sido avisado de que se tratava de uma matéria jornalística pela Sociedade Brasileira de Patologia Clínica e de Análise Clínica, não devolveu o resultado dos exames. Todos os outros foram reprovados. Acharam até hemácias dentro da mistura de guaraná e água. Porém laboratórios públicos Noel Nutels e Fio Cruz desconfiaram da mistura e chegaram a conclusão de que não se tratava de urina.

Com os resultados em mãos, nem o editor chefe do jornal acreditava no que estava acontecendo. A todo o tempo havia, pela relevância do fato, um contato entre a equipe jornalística e a chefia. Ela queria saber se havia mesmo a possibilidade de se realizar a reportagem. Esse também é um dos critérios de noticiabilidade, ser possível de realização. Ali Kammel, o editor-chefe, queria saber passo a passo da construção da matéria. Sua preocupação era acertar sem que os laboratórios investigados pudessem retrucar os resultados. Além de que ele funcionava como o gatekeeper da redação do jornal, o posicionamento final ficava por sua conta. Em matérias do dia-a-dia, essa relação é mais flexível, tem menos intervenções da chefia. O gatekeeper fica mais a cargo do jornalista do que propriamente do editor chefe.

Com tudo em mãos sabiam que se tratava, sem dúvidas de um crime de saúde pública. O delegado abriu um inquérito policial contra os laboratórios que expediram resultados provando que o guaraná era urina. Essa matéria foi fonte para que o Ministério Público, Secretaria de Saúde e a Vigilância Sanitária interviessem junto aos laboratórios, fazendo uma varredura na higiene, nos produtos utilizados e nos profissionais envolvidos nos resultados de exames.

Quatro anos mais tarde, a equipe encabeçada pelo jornalista Chico Otávio, saiu vitoriosa na premiação do Esso. O ano era 2002. Após grande período de investigação o jornalista e equipe publicaram uma série de reportagens que abalaram a estrutura do poder judiciário de Rio de Janeiro. A equipe se debruçou sobre a denúncia apresentada dois anos antes por um dos envolvidos no esquema de venda de sentenças por parte dos juízes. O esquema denunciado pelo O Globo, até hoje gera polêmica. Nele estavam envolvidos policiais civis, agentes federais, laranjas e juízes da segunda instância. Os principais alvos foram os juízes Ricardo Regueira e Ivan Athiê. Os dois são os que mais aparecem nas denúncias e são os que mais emitiram sentenças favoráveis para o esquema.

A reportagem também apurou o desenvolvimento financeiro dos envolvidos. Muitos dos citados nas matérias tornaram-se milionários. A reportagem revelou que no lugar de muitos terrenos, havia verdadeiras mansões. O esquema era fortemente constituído por

pessoas ligadas ao poder. Com as denúncias acatadas pela juíza Maria Cid, a violência passou a imperar. A família da magistrada passou a ser alvo de atentados.

A reportagem só foi possível graças a uma densa pesquisa em arquivos do judiciário. A equipe teve acesso a diversas sentenças em que os juízes davam causa ganha a estelionatários, empresários. Um das principais, alvo de denúncias, foi a venda de títulos da dívida pública para laranjas. A matéria mostrou que alguns ultrapassaram um bilhão.

Um dos resultados da série de reportagens reside no fato de que diversos setores da sociedade se mobilizaram passando a exigir explicações por parte das autoridades. Por outro lado tem-se o aumento da insatisfação de parte da sociedade com o judiciário.

Com os documentos em mãos a equipe negociou com a hierarquia do jornal e decidiram publicar. Todo cuidado era pouco, pois o que estava em jogo era o prestígio de uma das instituições mais conservadoras da sociedade brasileira. A partir da publicação da série, a aura dessa esfera de poder ruiu.

Para tentar amenizar o estrago o Supremo Tribunal Federal fez questão de reforçar nas diversas mídias, à vontade por parte dos ministros em expurgar os contraventores, fossem juízes ou não. Dessa forma, foram abertas várias frentes de investigação contra os juízes, na estrutura cível, disciplinar, criminal e aberto sindicância.

Em matérias jornalísticas como essas, todas as técnicas de reportagens são experimentadas. Telefonemas, cópia de inquéritos públicos, rastreamento de documentações comprobatórias, entrevistas, confrontamento de falas, criação de banco de dados, trabalho em equipe, tanto com a área mais ativa dentro da reportagem quanto com o segmento gráfico. Ter uma página bem construída também é um dos critérios de noticiabilidade. Tornar a página legível de fácil entendimento é algo primordial para o sucesso da reportagem.

Matéria de grande repercussão foi a que envolvia os deputados do Rio de Janeiro. Essa reportagem até hoje serve de exemplo para outras, principalmente próximo às eleições. Nela se encontrava o desenvolvimento financeiro dos políticos. Muitos declararam ter pouco dinheiro, mas moravam em mansões. Outros tiveram seus patrimônios aumentados em mais de cem por cento durante o seu mandato.

A série provocou indignação na população. Ao ser construída pela equipe liderada por Angelina Nunes, a matéria dava alertava para o fato de que o material tinha algo de inédito e extraordinário. Sabia que daria uma boa repercussão junto à sociedade e a própria categoria.

Depois de construída a reportagem serviu de inspiração para outras em níveis municipais e estaduais. A parte gráfica, aliada ao texto foi alvo de duplicata em diversas mídias impressas pelo Brasil. Os jornalistas passaram a dar palestras em universidades e para outros profissionais.

Nos anos seguinte, um jornalista sozinho apurou uma denúncia que afirmava haver desvio de armas dos quartéis do Rio de Janeiro. A esfera militar como todos sabemos é um barril de pólvoras. Depois do Golpe de 64, é senso comum evitar grandes conflitos contra essa esfera do poder.

Poém, o jornalista Antonio Werneck conseguiu informações sigilosas, comprovadas através de documentos publicados na reportagem, que alguns militares estariam fornecendo armas de uso exclusivo das forças armadas para traficantes das favelas do Rio de Janeiro.

Para quem queria manter o status de instituição intocável, essa notícia caiu como uma bomba no Comando Militar do Leste e no Parque de Material Bélico da Aeronáutica. Entre os armamentos mais disputados e vendidos pelos militares destacam-se a pistola Taurus 9mm, e o fusil HK33, considerado um dos melhores do mundo e granadas M-4, com alto poder de destruição.

Os integrantes das diversas equipes revelaram como fórmula do sucesso a coerência entre os participantes, o interesse mútuo pelo assunto e facilidade de negociação com seus

superiores, já que as editorias estão cada vez mais enxutas e não há como uma equipe inteira trabalhar somente nas matérias investigativas. Faz-se tudo ao mesmo tempo, investigação e *hard news*.

As discussões acerca do que foi estudado e pesquisado estão presentes no texto abaixo. Nele procuramos estabelecer um ponto de contato entre o que foi visto na teoria e na prática, analisando criticamente se a teoria se confirma sobre a mesma e em quais pontos são convergentes ou distanciados.

CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE NO JORNALISMO INVESTIGATIVO

O texto a seguir refere-se ao projeto de pesquisa PIBIC-CNPq, vinculado ao departamento de comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, tendo como orientador o Professor Dr. Leonel Aguiar e está ligada a linha de pesquisa de mestrado Cultura de massa e Representações sociais.

A pesquisa visa dar conta do tema escolhido para o projeto, que é uma investigação sobre os critérios de noticiabilidade que regem o jornalismo investigativo em quatro jornais da grande imprensa situados na cidade do Rio de Janeiro: O Globo, Jornal do Brasil, O Dia e Extra. Contudo o que será impresso nestas páginas são os resultados obtidos junto ao jornal O Globo.

A abordagem determinada para este trabalho é a pesquisa sobre o newsmaking. Segundo Wolf (2003:186), todas as pesquisas de newsmaking têm, em comum, a técnica da observação participante, pois permite reunir e obter sistematicamente os dados fundamentais sobre as rotinas produtivas que operam na indústria jornalística e no processo de produção da notícia. A escolha dessa teoria visa dar conta de como é realizado o processo de construção da representação da realidade social elaborada pelos meios de comunicação de massa.

Baseado nessa teoria, o ponto central desse tipo de pesquisa situa-se dentro de dois limites: a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e seus processos produtivos. O objetivo do jornal é fornecer relatos dos acontecimentos significativos e interessantes; mas, se a vida cotidiana é constituída por uma superabundância de acontecimentos – a partir dos quais, o jornal deve selecionar apenas alguns determinados acontecimentos para se tornarem notícias –, a seleção implica, pelo menos, o reconhecimento de que “um acontecimento é um acontecimento e não uma casual sucessão de coisas cuja forma e cujo tipo se subtraem ao registro” (Tuchman 1977: 45).

Ao descrevermos o processo de construção das notícias vinculadas nos principais jornais brasileiros não podemos esquecer o posicionamento do sociólogo francês Bourdieu, que destaca que cada jornalista elege uns aspectos dos fatos sociais em detrimento de outros. Através desse posicionamento percebemos que o autor considera que cada jornalista, antes mesmo dos setores hierárquicos de um jornal (editores e outras chefias), é um *gate*¹, ou seja, constrói suas matérias selecionando os fatos mais relevantes.

No caso deste trabalho, percebemos que essa prática fora feita pelos jornalistas do “O Globo” que foram a campo e pela editora-chefe (gatekeeper). Segundo Bourdieu “os jornalistas têm os seus óculos particulares através dos quais vêem certas coisas e não outras, e vêem de certa maneira as coisas que vêem”.

¹ O termo gate ou gatekeeper é uma referencia ao texto de WHITE, David. . O gatekeeper: Uma análise de caso na seleção de notícias. In TRAQUINA, N. (org.). **O poder do Jornalismo**: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000. Pág.142 – 151.

Assim, fica estabelecido um conjunto de critérios – ou seja, do grau de relevância entre os acontecimentos – que definem a noticiabilidade (*newsworthiness*) de cada acontecimento: o modo pelo qual é construída sua aptidão para ser transformado em notícia. Entre os mais citados durante a pesquisa estão os valores-notícias, ou seja, o maior interesse público pelo assunto, principalmente os de maior impacto emocional.

Quando um jornalista sai a campo na tentativa de construir uma matéria, ele investiga, seleciona, monta tabelas e organiza dados para melhor compreender o material que está em suas mãos. Essa prática também é percebida na construção de matérias investigativas do “O Globo”.

Um dos principais critérios de noticiabilidade faz-se através da hierarquização das notícias que chegam à redação. Para montar uma série de reportagem publicada no jornal “O Globo” (2004) a equipe da jornalista Angelina Nunes (subeditora), selecionou e analisou cerca de 800 documentos que comprovariam sua hipótese. Tantos outros foram descartados por não apresentarem contra provas. Ou melhor, não possuíam um vasto valor-notícia.

Daí o grande interesse entre os jornalistas e a vida pública. Esse posicionamento não é recente. Balzac, no século XIX já se dedicara a escrever sobre a tensão entre a política e os jornalistas. O auge desse comportamento se dá com a chamada comunicação de massa, onde os principais teóricos não abrem mão dessa postura para construir o pensamento comunicacional do século XX.

O jornalista, dessa forma torna-se intermediário entre a população que despreza a chamada política e os acontecimentos sociais. São verdadeiros simplificadores do cotidiano de uma cidade, facilitam a fagocitagem dos acontecimentos escolhidos para estamparem as capas dos jornais. A ordem do dia, a discussão na esquina, é por muitas vezes impulsionadas por eles.

Esse posicionamento é uma crescente dentro da redação do “O Globo”. Os jornalistas a que a pesquisa teve contato enfatizaram a tentativa de se por em um jornal matérias de máximo interesse público. Este é muito mais perseguido do que o particular. Muitos justificaram esse posicionamento com o fato de que a reportagem foi base para outras, no próprio veículo ou em outros, como a TV.

Segundo Veron (1980), “os meios de comunicação de massa podem ser apontados, na atualidade, como uma das principais instâncias sociais responsáveis pela produção de sentido.”

Sendo assim, baseados no valor-notícia, muitos teóricos defendem que os políticos e instituições que atingem grande parte da sociedade são preferidos pelos jornalistas. Estas garantem construções de notícias. “Qualquer contexto em que pudesse ser ventilado algo que sugerisse improbidade política poderia ser julgado digno de cobertura”.

É nessa postura que muitos jornalistas investigativos acreditam. Pensam serem mediadores entre as instituições públicas e os leitores. Porém não podemos esquecer que grandes partes das matérias produzidas são construídas para serem “vendidas”. É uma posição do interior da própria empresa. Ajudar o sucesso comercial do jornal. Esses interesses andam lado a lado. Um não vive sem o outro.

Desde o jornalista que trabalha mais com o factual até os mais conceituados, como Chico Otávio, ganhador de vários prêmios tem em mente que os leitores do O Globo não são homogêneos, por isso não dá para se pensar em um primeiro momento em quem quer atingir um determinado grupo social. O jornal dificilmente age em direção a interesses particulares. Os que assim o fazem não se sustentam por muito tempo como uma mídia operante.

Segundo os entrevistados o jornal possui vários leitores, porém os leitores de “O Globo” são típicos da zona sul da cidade e de classe média. Contudo muito do que sai na mídia impressa acaba por servir de pauta para as mídias televisivas, estas sim atingem milhões

de pessoas de todas as classes sociais. Pode-se dizer que, dessa forma, as reportagens investigativas quando chegam a TV acabam impulsionadas, caindo na “boca do povo”. A pressão sobre os envolvidos só tendem a aumentar. Os *staffers* sabem disso.

Em todos os jornais têm-se hierarquias Kunczik (2002), grupos que ajudam a controlar a própria empresa. O jornalista não é livre, sua ida a campo é o tempo todo testada e o resultado dessa ida tem que voltar para a redação. Dessa maneira, os *gatekeepers* controlam todo o processo de construção de matérias investigativas. No que dizem respeito às fontes, essas podem ser a chave o sucesso da reportagem, mas nunca passa ilesa em relação a seus interesses próprios.

A fala de qualquer fonte é confrontada o tempo todo, na tentativa de se construir matérias mais objetivas possíveis. Essa prática foi uma constante em todas as matérias que selecionada pela pesquisa. O jornalista investigativo, não mais que os outros, devem estar sempre atentos para os interesses pessoais de suas fontes. O sigilo jornalístico vale para quem está fora do jornal. No caso do “O Globo”, as hierarquias tentam saber o máximo possível quem são as fontes a respeito das fontes.

Essa rigidez não é muito sentida pelo fato de que os jornalistas trabalham com que gostam e se consideram um ser dinâmico. A notícia é seu principal alvo. Mas, quando estamos diante de matérias jornalísticas de grande apelo público, principalmente as que dizem respeito a um “jornalismo investigativo”, são rigidamente organizadas Sodré e Ferrari (1986), Kotscho (1996) e Lage (2004).

O jornalismo investigativo é aquele que exige um maior tempo, dedicação e organização para ser realizado. Sendo assim, esta modalidade distingue das reportagens produzidas por outras editorias ao apresentar, como será visto adiante uma profunda análise pesquisa e testagem da documentação levantada.

Segundo Waisbord (2000), o jornalismo investigativo possui características próprias, sendo caracterizado pela divulgação de informações de alto valor notícia que são de interesse público. As narrativas investigativas constam ações sobre instituições públicas, governamentais ou de empresas que tenham valor na sociedade, por poder afetá-la. As reportagens resultam do trabalho de apuração das informações pelos repórteres, que não se limitam a reproduzir informações “vazadas” por fontes informativas para as redações dos jornais.

Por desempenhar uma relevante função social devido às suas contribuições à governabilidade democrática, a imprensa vincula-se ao princípio da responsabilidade mútua nas sociedades democráticas e revitaliza o espaço público. Por isto, para a realização da reportagem investigativa, torna-se imprescindível o acesso às informações públicas, Aguiar (2006).

Ou seja, a base do jornalismo investigativo pode até começar com denúncias, mas não se baseia nelas e, sim, em uma profunda e sólida pesquisa por parte do repórter: busca a informação de fontes primárias e não se contenta com as versões ou com as fontes secundárias. Essa postura já fora apresentada no cinema com o filme sobre o caso Watergate, homônimo ao livro de Bob Wodoord e Carl Bernstein, sendo também confirmadas através desta pesquisa, serem seguidas pelos jornalistas do jornal O Globo que tiveram suas reportagens premiadas com o Esso.

A experiência de pesquisa no “O Globo”.

Como fator de limitação da pesquisa, foi escolhido o Prêmio Esso. A justificativa desse posicionamento deve-se ao fato deste prêmio ser uma interpretação da “tribo jornalística” sobre os próprios colegas. Pode-se perceber que este é um prêmio que possui credibilidade junto à comunidade jornalística.

A primeira forma de limitação foi justamente acessar o sítio do Prêmio Esso e verificar as reportagens que foram vitoriosas. Como a pesquisa visa dar conta do processo de construção de reportagens investigativas dos jornais do Rio de Janeiro “O Globo”, “O Dia”, “Extra” e “JB”, escolhemos começar por um dos jornais de Irineu Marinho, ou seja, pelo “O Globo”. Contudo verificamos realmente quais dessas reportagens realmente se enquadram no gênero investigativo, ao entrevistarmos seus idealizadores.

A escolha por começar pelo “O Globo” deveu-se a facilidade de contato e estrutura interna do jornal. Este possui um bom nível de atendimento ao público, contato via e-mail ou telefone entre as atendentes e os jornalistas. Feito o contato inicial com as atendentes, estas foram responsáveis por fornecer os respectivos números de telefone e endereço eletrônico.

A pesquisa que é base para essa comunicação foi realizada com apoio nas reportagens investigativas do Jornal “O Globo” publicadas entre os anos de 2002 e 2007 e que ganharam o Prêmio Esso. Entre elas: “*Sentenças suspeitas*”, “*Traficantes nos quartéis*”, “*Os homens de bens da Alerj*” (esta última faz parte da série “Os bastidores do poder”), “*Teste do guaraná*”. Vemos que as mesmas fazem referências àquilo que os pesquisadores canadenses Erickson, Baranek e Chan (1987) dizem ser “*alvo do policiamento jornalístico*”.

As referidas matérias incluem indivíduos e organizações políticas que atingem toda a vida pública. Sendo o jornal uma entidade da sociedade civil, estes vêm tomando a si o papel de divulgar fatos de interesse público e lutar para que eles ganhem espaço nos meios de comunicação de massa.

Tendo os contatos em mãos, o segundo passo foi utilizar as ferramentas de internet e o telefone para contatá-los, se bem que o primeiro foi mais intenso. Os jornalistas utilizam bastante esse meio de comunicação. Todos os jornalistas entrevistados foram acompanhados durante sua estada na redação, a sua rotina produtiva. A de outra matéria investigativa não a que serve de base para este texto.

Segundo a proposta de observação participante de Geertz, onde o pesquisador observa a forma de trabalho e construção das reportagens. Para o autor em “A interpretação das culturas”, está é conhecida como um texto ao qual cabe ao etnógrafo (e não só a ele) a tarefa de interpretar. Esse é um dos objetivos da pesquisa, interpretar os modos de construção das reportagens investigativas, os *modus operandi*.

Vale lembrar, que essa observação diz respeito às reportagens ainda em construção. Sobre as reportagens selecionadas para a pesquisa, a forma de se dar conta do processo construtivo fora feito através de entrevistas onde os jornalistas recriaram todos os passos por eles percorridos, da pauta a publicação.

Indagados sobre se as reportagens investigativas eram construção da realidade ou simplesmente a reprodução do real, os jornalistas não souberam responder. Para muitos as reportagens são simplesmente objetivas, por seguirem as normas clássicas do lead. Poucos afirmam que se ergue uma realidade a partir da construção narrativa e da seleção. Na hora de construí-las eles não se detêm na teoria, dizem não haver como se realizar tal intento. O máximo que eles se atentam é para o fato de a notícia ser capaz de despertar interesse público ou não. Como é o caso da reportagem liderada pela jornalista Maria Elisa Alves, “*Teste do guaraná*”, que denunciou a falta de ética, critério e delitos realizados por alguns laboratórios

do Rio de Janeiro. Sabotagem de alto interesse por parte da população, por se tratar de um crime de saúde pública.

Essa postura se enquadra no sistema de pensamento do senso comum da categoria jornalística em que se formula uma lógica de atuação profissional na qual aponta que a função do jornal é fornecer relatos dos acontecimentos significativos e interessantes. Tuchman, vê nesse posicionamento dos jornalistas, que cada um é um *gate* e que ao escolher eles reconhecem que um acontecimento “não é uma casual sucessão de coisas cuja forma e cujo tipo se subtraem ao registro”, ou seja, não são neutro na construção narrativa da realidade.

Seguindo os passos de Wolf (2003), temos que a produção de notícias resulta da conjunção de dois fatores. De um lado, a cultura profissional, entendida como um emaranhado de estereótipos, representações sociais e rituais relativos às funções dos meios de comunicação de massa e dos jornalistas, à concepção do principal produto – a notícia – e às modalidades que presidem à sua confecção. E conforme Tuchman (1983), a produção de notícia deve ser a preocupação das empresas jornalísticas. Estas devem tornar possível reconhecer, na multiplicidade dos acontecimentos, aquele que será eleito como um acontecimento notável.

Porém conforme descreve Wolf (2003), a rotina de selecionar tornou-se complexa devido a uma característica dos acontecimentos: se cada um deles exige ser único – como resultado da conjunção específica de forças sociais, econômicas e políticas que transforma um “acontecimento qualquer” no “evento singular” a ser destacado –, para o jornal não é possível aceitar essa pretensão. A empresa jornalística não pode trabalhar sobre fenômenos idiossincráticos.

Em entrevista, Angelina Nunes, subeditora do O Globo e coordenadora da série de reportagens “Bastidores do poder”, vencedora do Prêmio Esso com a reportagem “*Homens de Bens da Alerj*”, vai ao encontro com as teorias propostas por Breed (2000) em que as reuniões tratam dos critérios de noticiabilidade, “*os possíveis ângulos e outras táticas jornalísticas.*” Com tantas reuniões de pautas e troca incessante de informações entre os jornalistas da equipe, os colegas chamavam o grupo de “Irmandade”. Somente com uma boa equipe, mesmo sendo ela reduzida, é que se pode fazer “jornalismo investigativo”.

Dessa forma, Nunes conseguiu manter o grupo coeso, dentro de um ambiente amistoso. A cumplicidade entre os jornalistas também pode ser tida como um dos motivos para o sucesso da reportagem. Todos de ajudavam opinavam entre si, confiavam na apuração do outro. São capazes de socializar o que sabem.

Segundo os jornalistas entrevistados, as matérias investigativas são razoavelmente programadas. Não se pode esperar seguir uma única linha de pensamento. Quando se vai a campo, o jornalista enfrenta diversas situações inesperadas. Maria Elisa Alves começou a reportagem sobre os laudos emitidos por alguns laboratórios quase por acaso, a pauta foi indicada por um médico. Esta só fora abraçada graças a experiência da jornalista, por perceber que estava diante de uma possível notícia com alto valor de interesse público.

Um relato do Jornalista Dimmi Amora deixa bem claro como surpresas aparecem no dia-a-dia de um profissional de comunicação. Segundo ele, em um dia de apuração aparentemente normal em que estavam preparando a série “Bastidores do Poder”, descobriram ao se dirigirem para uma localidade por meio de algumas fontes que uma deputada do Rio de Janeiro que dizia não ter nenhum bem era na verdade herdeira de grande fortuna. Não em seu nome, mas de parentes próximos.

Em outra situação descobriram que no lugar do terreno declarado no registro de imóveis, avaliado por milhares de reais, na verdade abrigava uma casa que valia mais de três milhões. Essa falsidade foi facilmente desmentida ao se contrapor documentos oficiais e por fotografias. Muitas dessas residências ficam em Angra dos Reis, porém quando declaradas,

valem menos do que o real. Para provar a fraude nas declarações de bens, os jornalistas pediram a ajuda de corretores de imóveis para comprová-la.²

O primeiro problema que algumas matérias investigativas têm é o tamanho da pauta. Esta deve ser bem delimitada para que não fuja do contexto pretendido, já que conforme já foi explicado acima, a ida a campo pode fornecer dados para tantas outras matérias. Outro problema diz respeito ao sigilo. Sem sigilo não há matéria investigativa. Feito isso, o passo seguinte é olhar o “seboso” e começar a levantar fontes.

O que pode ser percebido é que as investigações de uma determinada pauta começam ainda no interior das redações. Boa parte do arquivo do próprio jornal é vasculhado na esperança de se encontrar um ponto outro ponto de partida. Para se ter idéia do que já se publicou sobre o assunto. Os jornalistas nomeiam essa fase como pré-apuração. É apenas levantamento de dados iniciais. Se a pré-apuração é significativa, ou seja, se a matéria vende ou não.

A complexidade do tema torna a apuração cada vez mais cuidadosa. Para se certificar da exatidão, os jornalistas, que já são uma equipe, se dividem em áreas de ação. Enquanto um vai para a rua apurar, investigar, outros ficam na redação telefonando. O uso do telefone é indispensável. Atualmente o mesmo pode ser dito da internet. Boa parte do que a equipe de Angelina Nunes conseguiu levantar fora feita utilizando-se dos bancos de dados de vários órgãos públicos, leitura de declaração de imposto de renda (IR), declaração da Alerj e outras fontes de consulta.

Um detalhe curioso é que ao lado desta equipe, o setor jurídico é muito acionado. O diálogo entre esses setores do jornal se fez constante para se evitar, ao máximo, ações como a da deputada Núbia Cozzolino que, se sentindo atingida com a publicação, entrou na justiça contra o jornal. E mais, em outras situações alguns órgãos públicos se negavam em fornecer os dados que são públicos. Mais uma vez o jurídico entrava em ação.

O tempo todo a ética estava no “fio da navalha”. Qualquer deslize poderia prejudicar o andamento da reportagem, que foi construída ao longo de quatro meses. Um exemplo é o fato de que se tratava de ano eleitoral e o jornal não queria ter vínculo com apelo político e sim com o interesse público. As reportagens não foram publicadas durante o período eleitoral e sim meses antes.

Um fato interessante após a publicação deve-se ao grande número de cartas recebidas pelo jornal pedindo para que o mesmo fosse feito em relação à Câmara dos Vereadores. A partir da publicação das matérias a postura da própria Assembléia Legislativa mudou. A casa passou a fazer uso da matéria como forma de se impedir novos escândalos. Muitos deputados passaram a divulgar mais a lista e a evolução de seus patrimônios.

Sem falar que com as revelações feitas a partir da série de reportagens, o Tribunal Regional Eleitoral (TRE) do Rio já se comprometeu a colocar na internet todas as declarações de bens que os candidatos apresentarem para este ano, além de prometer ser mais rigoroso na fiscalização dos documentos.

Outro fato deve-se ao enorme número de palestras sobre as mesmas. Pode-se dizer que a maneira com que esta série foi construída passou a ser referencia para outras editorias. Sem falar no grande número de pautas que surgiram nos mais diversos setores da comunicação baseados nesse trabalho. Levantar e analisar os perfis dos bens de todos os deputados de uma Assembléia Legislativa é uma tarefa monstruosa para qualquer redação brasileira – com todos os problemas de falta de tempo, profissionais e recursos.

² O uso de profissionais que dão credibilidade ao que se quer apurar é indispensável para a reportagem investigativa. É a fala do especialista.

Reportagens desse porte, através de seu impacto na sociedade geralmente ocupam grande espaço no jornal. São escolhidos pelos *staffers* para serem primeira página. Eles percebem que o material vende, ou seja, é capaz de permanecer por dias nas pautas. Para os jornalistas entrevistados no O Globo, o tempo de duração da matéria, mostra o grau de importância do jornal e para o público.

Dimmi Amora confirma a posição de alto valor notícia de matérias como o “*Teste do guaraná*”, “*Homens de bens da Alerj*” ou a relação entre o governador Nilo e a máfia do jogo de bicho quando as reportagens que levam muito tempo para serem construídas, através de pesquisa, construção de gráfico ou tabelas, concorrem com fatos como a morte do ex-governador Leonel Brizola, um ícone da política brasileira.

Construir narrativas que contenham o maior grau de noticiabilidade é uma tarefa não muito fácil, mesmo em redações do porte de O Globo. As editorias estão cada vez mais enxutas. Mesmo a do “O Globo” que é uma das maiores do Brasil não dá para o jornalista ser deslocado para trabalhar somente em matérias investigativas. O factual também é importante para o jornal. O que se tem é uma enorme negociação entre os *staffers*. A partir do momento em que o gatekeeper tem a certeza de que o material que está em suas mãos é forte, ele vai soltando aos poucos um ou outro jornalista para se dedicar a uma grande reportagem, como as investigativas.

Pela complexidade da matéria e do impacto que o editor sente que ela terá, geralmente são capa dos jornais. O “sonho” de todo editor é que a matéria venda e possa ter continuidade. Possa trazer bom retorno para o jornal. Desde prêmios até a alegria do financeiro. O que é um paradoxo, já que quanto mais sucesso faz um jornal, maior é sua circulação e também maior é a procura por anunciante. Este fato promove um verdadeiro duelo entre as editorias e a área comercial.

Depois de todo o trabalho realizado, a editora é quem escolhe concorrer ou não. Isso só é feito quando se tem um bom material em mãos. No entanto, os jornalistas vêem todos prêmios como compensador de um bom trabalho.

Conclusão

O objetivo da pesquisa que vimos realizando é avançar neste campo de estudos, oferecendo uma análise dos critérios de noticiabilidade a partir do discurso dos jornalistas sobre sua rotina profissional, seus processos de seleção, redação e edição das notícias investigativas publicadas pelos jornalistas do “O Globo”.

Podemos perceber que, como afirma a teoria do Newsmaking, a grau de noticiabilidade de um acontecimento sempre depende dos interesses e das necessidades das empresas jornalísticas e da comunidade profissional dos jornalistas.

Como resultados provisórios, delineamos, portanto, alguns critérios de noticiabilidade que mais se destacaram durante a pesquisa. Em primeiro lugar a rotina de produção jornalística, que se mostrou uma forma de condicionar a decisão sobre o que é digno de ou não de investigação. Daí os limites já mencionados no corpo do texto, editorias enxutas, pouco tempo e capital para uma apuração intensa. Além das relações hierárquicas de um jornal.

Não se podem realizar matérias investigativas sem que se tenha um bom diálogo entre os *gatekeepers* dos jornais. Nesse gênero jornalístico, a negociação para se dedicar a construção de uma reportagem é de suma importância, já que em diversas editorias temos jornalistas investigadores, e segundo as chefias entrevistadas no O Globo, o jornal não se faz

somente com reportagens investigativas. Acrescenta-se a esse fato os limites de pessoal, da quantidade de jornalistas presentes em uma empresa jornalística. Esses só tendem a diminuir.

Por isso, não podemos deixar de fora, um dos pilares de uma reportagem investigativa, a maior interesse público possível. Para os jornalistas do “O Globo” esse é o ponto chave para o sucesso das reportagens e do próprio jornal. Esse pode ser o melhor aliado na disputa entre os interesses comerciais e jornalísticos de uma empresa típica do *mass media*.

Anexo 1: tabela de distribuição do Prêmio Esso - ano e instituição

Ano	Instituição
1956	Revista O Cruzeiro
1957	O Globo
1958	Correio da manhã
1959	O Estado de São Paulo
1960	Folha de São Paulo
1961	JB
1962	JB
1963	O Cruzeiro
1964	JB
1965	Fatos e Fotos
1966	Não Houve
1967	JB
1968	O Estado de São Paulo
1969	Ultima Hora (Rio de Janeiro)
1970	O Globo
1971	Jornal da Tarde
1972	Revista realidade
1973	O Estado de São Paulo
1974	JB
1975	JB
1976	O Estado de São Paulo
1977	Revista Veja
1978	Folha de São Paulo
1979	Revista Veja
1980	Jornal de Brasília
1981	JB
1982	O Estado de São Paulo
1983	Revista Veja
1984	Revista Isto é
1985	Correio Brasiliense
1986	Folha de São Paulo
1987	Folha de São Paulo
1988	Folha de São Paulo
1989	JB
1990	JB
1991	O Estado de São Paulo
1992	VEJA
1993	O Estado de São Paulo
1994	O Globo
1995	O Estado de São Paulo
1996	O Globo
1997	Folha de São Paulo
1998	O Globo
1999	Folha de São Paulo
2000	Correio Brasiliense
2001	Isto é
2002	O Globo
2003	O Globo
2004	O Globo

Anexo 2 : Relatório do Globo que gañha

m o Prêmio Esso principal e foram analisadas na pesquisa³.

Nilo Ajudou Betinho a Receber doação de Bicheiro.

Agostinho Vieira, Elenilce Bottari e Edgard Arruda
O Globo - Diploma + R\$ 15 mil

A série de reportagens provocou um apaixonado debate sobre a necessidade de os gestos humanitários se circunscreverem aos limites da ética ao revelarem que o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, e o então Secretário de Polícia Civil, Nilo Batista, haviam intermediado uma doação de bicheiros para a ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS.

Guerrilha no Araguaia

Aziz Filho, Amaury Ribeiro Jr., Adriana Barsotti, Consuelo Dieguez e Cid Benjamim
O Globo - Diploma + R\$ 15,5 mil

A partir de documentos obtidos junto a fontes militares e após extenso trabalho de jornalismo investigativo, a equipe do jornal O Globo reconstituiu a história da Guerrilha no Araguaia. As reportagens abriram caminho para a descoberta de ossadas de alguns guerrilheiros em cemitérios clandestinos e também para que o Estado brasileiro assumisse a sua responsabilidade nos fatos, com o pagamento de indenizações às famílias.

Teste do Guaraná

Maria Elisa Alves, Rolland Gianotti e Equipe
O Globo - Diploma + R\$ 20 mil

Maria Eliza Alves, Rolland Gianotti e a equipe de O Globo denunciaram na série de reportagens intitulada Teste do Guaraná, que um grande número de laboratórios de análises clínicas estava despreparado para diferenciar um frasco de urina de um outro contendo guaraná. A confusão resultou na emissão de laudos absolutamente falsos por quatorze laboratórios de diversos pontos da cidade, o que desencadeou uma série de investigações da Vigilância Sanitária.

Sentenças Suspeitas

Chico Otávio, Bernardo de La Peña, Renato Garcia e Rodrigo Rangel
O Globo - Diploma e R\$ 30.000,00

Chico Otávio, Bernardo de La Peña e a equipe do jornal O Globo realizaram uma série de reportagens, intitulada Sentenças Suspeitas. Ela mostra como juízes e advogados usam liminares para trancar ações e livrar os acusados da prisão, além de fornecer sentenças duvidosas em causas milionárias e participam de manobras processuais que desprezam a lei em favor de interesses privados, causando prejuízos aos cofres públicos.

³ Fonte: Portal do Premio Esso. www.premioesso.com.br

Traficantes nos Quartéis

Antônio Werneck

O Globo Diploma e R\$ 30.000,00

A partir da consulta a arquivos e processos no Ministério Público Militar, o jornalista Antonio Werneck, do jornal O Globo, descobriu o quão frequentes vêm sendo os desvios de armas e munições dos quartéis das Forças Armadas no Rio. A série de reportagens que se seguiu, intitulada Traficantes nos Quartéis revela o envolvimento direto de militares nesses desvios e constata também, que armas, munição e granadas das Forças Armadas da Argentina estão em poder de criminosos nas favelas do Rio.

Os homens de bens da Alerj

Angelina Nunes, Alan Gripp, Carla Rocha, Dimmi Amora, Flávio Pessoa, Luiz Ernesto Magalhães e Maiá Menezes.

O Globo - Diploma e R\$ 30.000,00

Depois de investigar os bens acumulados pelos deputados do Rio no período de 1996 a 2001, a equipe de repórteres do jornal O Globo, revelou que 27 parlamentares tiveram aumento de mais de 100% em seus patrimônios. O levantamento apresentado na série de reportagens Os homens de bens da Alerj, mostrou que quase 80% dos parlamentares que forneceram ao Tribunal Regional Eleitoral pelo menos duas declarações de renda no período, tiveram algum crescimento nos bens. O trabalho deixa claro que a crise econômica dos últimos anos passou longe do principal endereço político do Rio: o Palácio Tiradentes, sede da Assembléia Legislativa.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Leonel. O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias. **ALCEU**, v.7, n.13, p. 73-84, jul./dez. 2006.

BALZAC, Honoré de. **Os jornalistas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BREED, Waren. Controle social na redação. In: TRAQUINA, N. (ORG.). **O poder do Jornalismo**: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000.

FUSER, Igor. **A arte da reportagem**. São Paulo: Scritta, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1990.

GENRO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1996.

KOVACH, Bill; ROSENTETIEL, Tom. A verdade: O primeiro e mais confuso princípio. In: **Os elementos do Jornalismo**. O que os jornalistas devem saber e o público exigir.

KUNCZICK, Michael. **Conceitos de jornalismo; norte e sul**. São Paulo: Edusp, 2001.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LOPES, Dirceu Fernandes e PROENÇA, José Luiz (orgs.). **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.

SCHUDSON, Michael. Porque as notícias são como são. **Revista de Comunicação e Linguagens**, n.8, out. 1988.

SEQUEIRA, Cleofé. **Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus, 2003.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In TRAQUINA, N. (org.). **O poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000. Pág. 91-100.

TRAQUINA, Nélon. **Teorias do jornalismo I: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005a.

_____. **Teorias do jornalismo II: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. (org.). **O poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia**. Estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.

WAISBORD, Silvio. **Watchdog journalism in South America: news, accountability and democracy**. Nova York: Columbia University Press, 2000.

WHITE, David. O gatekeeper: Uma análise de caso na seleção de notícias. In: TRAQUINA, N. (org.). **O poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2003.